

Nas Montanhas da Loucura



**Nas
Montanhas
da Loucura**

Tradução
Celso M. Paciornik

H. P. LOVECRAFT

ILUMI/URAS

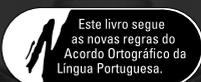
Titulos originais

At the mountains of madness; The shunned house; The dreams
in the witch-house; The statement of Randolph Carter

Copyright © desta tradução e edição:
Editora Iluminuras Ltda.

Capa e projeto gráfico
Eder Cardoso / Iluminuras

Revisão:
Rose Zuanetti



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L947N

Lovecraft, H. P. (Howard Phillips), 1890-1937.

Nas montanhas da loucura / H. P. Lovecraft; tradução Celso M. Paciornik. – 2. ed. – São
Paulo : Iluminuras, 2018 - 1. Reimpressão, 2019.
240 p; 22,5cm

Tradução de: At the mountains of madness; The shunned house; The dreams in the witch-
-house; The statement of Randolph Carter

ISBN 978-85-7321-584-7

1. Conto americano. I. Paciornik, Celso M. II. Título.

18-49787

CDD: 813
CDU: 82-34(73)

2019

EDITORA ILUMINURAS LTDA.

Rua Inácio Pereira da Rocha, 389 - 05432-011 - São Paulo - SP - Brasil

Tel./Fax: 55 11 3031-6161

iluminuras@iluminuras.com.br

www.iluminuras.com.br

Índice

NAS MONTANHAS DA LOUCURA, 9

A CASA TEMIDA, 145

OS SONHOS NA CASA ASSOMBRADA, 161

O DEPOIMENTO DE RANDOLPH CARTER, 229

SOBRE O AUTOR, 237

Nas MONTANHAS da Loucura

I

Vejo-me forçado a falar pois os homens de ciência recusaram-se a seguir meu conselho sem saber o porquê. É inteiramente a contragosto que relato os motivos de minha oposição a esta tencionada invasão da região antártica — com sua desmedida caça ao fóssil e a indiscriminada perfuração e derretimento de antigas calotas glaciais. Minha relutância é ainda maior por achar que minhas advertências poderão cair no vazio.

É inevitável duvidar-se de fatos reais tais como os que vou revelar; entretanto, se suprimisse o que parecerá extravagante e inacreditável, não sobraria nada. As fotografias até agora obtidas, tanto as comuns como as aéreas, falarão em meu favor, pois são diabolicamente nítidas e ilustrativas. No entanto, também elas serão motivo de dúvidas pelo tanto de que é capaz uma falsificação inteligente. Os desenhos a tinta certamente serão motivo de chacota como óbvias imposturas, não obstante a estranheza técnica que certamente atrairá a atenção e a curiosidade dos especialistas em arte.

Devo me apoiar, enfim, no discernimento e na reputação de algumas lideranças científicas com suficiente independência de pensamento para considerarem meus dados por seus próprios méritos odiosamente convincentes ou à luz de certos ciclos míticos primordiais e altamente desconcertantes, por um lado, e suficiente influência para dissuadir a comunidade científica em geral de qualquer programa precipitado e excessivamente ambicioso na região daquelas montanhas da loucura, por outro. É lamentável que somente algumas pessoas obscuras como eu e meus colaboradores, associados a uma pequena universidade, tenham alguma possibilidade de se manifestar em assuntos de natureza radicalmente bizarra e altamente controvertida.

Pesa ainda mais contra nós o fato de não sermos, em estrito senso, especialistas nas áreas que acabaram sendo inicialmente abordadas. Como geólogo, meu objetivo na chefia da Expedição da Universidade de Miskatonic era exclusivamente a obtenção de espécimes das profundezas de rochas e solo de várias partes do continente antártico, auxiliado pela fabulosa perfuratriz idealizada pelo professor Frank H. Pabodie de nosso departamento de engenharia. Não tinha o menor desejo de ser um pioneiro em qualquer outro campo que não esse, mas esperava que o uso desse novo artefato mecânico em diferentes pontos de percursos previamente explorados traria à luz materiais de um tipo até então não obtido pelos métodos comuns de coleta.

O aparelho perfurador de Pabodie, como o público já deve saber de nossos relatórios, era único e radical em sua leveza, portabilidade e capacidade de combinar o princípio da perfuração de poços artesianos normais com o princípio da pequena broca de pedra circular capaz de se adaptar rapidamente à perfuração de camadas de dureza variável. Broca de aço, hastes encaixáveis, motor a gasolina, guindaste desmontável de madeira, a parafernália para dinamitar, cordas, trado para retirar o entulho e tubulação seccional para furos de cinco polegadas de diâmetro e até mil pés de

profundidade com os acessórios necessários, constituindo uma carga capaz de ser transportada por três trenós de sete cães. Isto foi possível devido à engenhosa liga de alumínio que compunha a maioria dos objetos metálicos. Quatro grandes aviões Dornier, especialmente projetados para o voo nas tremendas altitudes exigidas pelo planalto antártico e com sistemas especiais de aquecimento de combustível e partida rápida criados por Pabodie, poderiam transportar toda nossa expedição de uma base à borda da grande barreira até diversos pontos apropriados no interior do continente, e desses pontos, um número suficiente de cães nos bastaria.

Planejamos cobrir uma área tão grande quanto nos permitisse a duração de uma estação antártica — ou mais, se fosse absolutamente necessário —, operando principalmente nas cordilheiras e no planalto meridional do Mar de Ross; regiões exploradas em diversos graus por Shackleton, Amundsen, Scott e Byrd. Com frequentes mudanças de acampamento, cobertas por aeroplano e envolvendo distâncias suficientemente grandes para ter uma significação geológica, esperávamos desenterrar uma quantidade sem precedente de material — especialmente na camada pré-cambriana da qual um leque tão estreito de espécimes antárticos havia sido anteriormente obtido. Queríamos também conseguir a maior variedade possível de rochas fossilíferas superiores pois a história da vida primitiva deste desolado reino glacial é da mais alta importância para nosso conhecimento do passado da Terra. É fato sabido que o continente antártico já teve um clima temperado e mesmo tropical, com vegetação abundante e uma vida animal da qual os líquens, a fauna marítima, os aracnídeos e pinguins da borda setentrional são os únicos sobreviventes; e esperávamos expandir aquela informação em variedade, exatidão e detalhe. Quando alguma perfuração simples revelasse sinais fossilíferos, alargariamos a abertura com explosões para obter espécimes de tamanho e condição adequados.

Nossas perfurações, de profundidades variáveis conforme a promessa oferecida pelo solo ou a rocha superiores, deviam se confinar às superfícies de terra expostas, ou quase expostas — estas sendo invariavelmente as encostas e cristas devido à espessura de uma ou duas milhas de sólido gelo que recobriam os níveis inferiores. Não podíamos nos dar ao luxo de perfurar em grande profundidade qualquer espessura considerável de glaciações, muito embora Pabodie tivesse elaborado um plano para mergulhar eletrodos de cobre em feixes cerrados de furos e derreter áreas limitadas de gelo com a corrente de um dínamo movido a gasolina. É este plano — que só poderíamos pôr em prática experimentalmente numa expedição como a nossa — que a programada Expedição Starkweather-Moore pretende seguir a despeito das advertências que venho fazendo desde nossa volta da Antártida.

O público tem conhecimento da Expedição Miskatonic através de nossos frequentes relatórios telegráficos ao *Arkham Advertiser* e à Associated Press, e pelos últimos artigos de Pabodie e meus. Nosso grupo consistia de quatro homens da Universidade — Pabodie, Lake do departamento de biologia, Atwood do departamento de física — também meteorologista — e eu, representando a geologia e com o comando nominal — além de dezesseis assistentes: sete estudantes de graduação da Miskatonic e nove experientes mecânicos. Dos dezesseis, doze eram pilotos de avião qualificados, dos quais apenas dois não eram competentes operadores de telégrafo sem fio. Oito deles entendiam de navegação com compasso e sextante, assim como Pabodie, Atwood e eu. Além disso, é claro, nossos dois navios — antigos baleeiros de madeira reforçados para as condições glaciais e com vapor auxiliar — eram completamente equipados.

A Nathaniel Derby Pickman Foundation, auxiliada por algumas contribuições especiais, financiou a expedição; daí nossos preparativos terem sido extremamente completos, apesar da falta

de publicidade. Os cães, trenós, máquinas, materiais de acampamento e partes desmontadas de nossos cinco aviões foram entregues em Boston e ali carregados em nossos navios. Estávamos tremendamente bem equipados para nossos objetivos específicos e em tudo que dizia respeito a suprimentos, dieta, transporte e construção de acampamentos, valeu-nos o excelente exemplo de nossos muitos e brilhantes predecessores recentes. Foi o número invulgar e a fama desses predecessores que fez nossa própria expedição — por maior que fosse — tão pouco notada pelo mundo em geral.

Como os jornais noticiaram, zarpamos do porto de Boston no dia 2 de setembro de 1930, tomando uma lenta rota costeira para cruzar o Canal do Panamá e parar em Samoa e Hobart, na Tasmânia, embarcando ali nossos últimos suprimentos. Nenhum membro de nossa expedição jamais estivera nas regiões polares, razão por que dependíamos grandemente dos capitães de nossos navios — J.B. Douglas, comandando o brigue *Arkham* e toda a equipe marítima, e Georg Thorfinnssen, comandando a barca *Miskatonic* —, ambos veteranos baleeiros em águas antárticas.

Quando deixamos para trás o mundo habitado, o sol corria cada vez mais baixo, na direção norte, e permanecia mais e mais tempo acima do horizonte a cada dia. Em cerca de 62° de latitude sul, avistamos nossos primeiros *icebergs* — objetos achatados com bordas verticais —, e pouco antes de atingirmos o círculo antártico, que cruzamos em 20 de outubro com cerimônias apropriadamente bizarras, fomos consideravelmente atrapalhados por um campo de gelo flutuante. A queda da temperatura incomodou-me bastante depois da prolongada viagem pelos trópicos, mas tratei de me preparar para os rigores maiores que viriam. Em muitas ocasiões, os curiosos efeitos atmosféricos encantaram-me profundamente; entre eles, uma miragem extraordinariamente vívida — a primeira que jamais vira — em que *icebergs* distantes se transformavam nas muralhas de fantásticos castelos siderais.

Abrindo caminho no gelo, que felizmente não era nem muito extenso nem muito espesso, retomamos o mar aberto a 67° de latitude sul e 175° de longitude leste. Na manhã de 26 de outubro, um nítido vislumbre de terra apareceu ao sul, e antes do meio-dia sentimos todos um estremecimento de excitação à vista de uma enorme cordilheira de cumes arredondados cobertos de neve que se abria para cobrir toda a visão à frente. Havíamos finalmente alcançado um posto avançado do grande continente desconhecido e seu mundo críptico de morte glacial. Esses picos faziam parte, obviamente, da Cordilheira Admiralty, descoberta por Ross, e nossa tarefa consistiria agora de contornar o Cabo Adare e navegar pela costa leste da Terra Victoria até nossa tencionada base na costa do Canal McMurdo, ao pé do vulcão Erebus, em 77° 9' de latitude sul.

O último trecho da viagem foi animado e excitante. Enormes picos áridos e misteriosos assomavam continuamente para o oeste enquanto o sol do meio-dia, à baixa altura do horizonte setentrional, ou o sol ainda mais baixo da meia-noite na direção sul, derramava seus nebulosos raios avermelhados sobre a neve branca, o gelo e os canais marinhos azulados e os trechos negros da encosta de granito visível. Por entre os desolados cumes cruzavam furiosas rajadas intermitentes do terrível vento antártico cujas cadências produziam, ocasionalmente, vagas sugestões de um selvagem soprar de flautas, com notas se estendendo por uma ampla escala que, por alguma razão mnemônica inconsciente, parecia-me inquietante e, mesmo, vagamente terrível. Alguma coisa naquela cena me evocava as estranhas e perturbadoras pinturas asiáticas de Nicholas Roerich, e as ainda mais estranhas e mais perturbadoras descrições do temível *Necronomicon* do insano árabe Abdul Alharzed. Mais tarde, lamentei profundamente ter folheado esse livro monstruoso na biblioteca da universidade.

Em 7 de novembro, tendo perdido temporariamente a visão da cordilheira na direção ocidental, cruzamos a Ilha Franklin; e no

dia seguinte, avistamos os cones dos montes Erebus e Terror na Ilha Ross à frente, com a extensa linha dos Montes Parry por trás. Estendia-se agora para leste a linha baixa e branca da grande barreira de gelo, erguendo-se verticalmente a duzentos pés de altura como os penhascos rochosos de Quebec, e assinalando o fim da navegação para o sul. À tarde, entramos no Canal McMurdo e ficamos ao largo da costa a sotavento do fumegante Monte Erebus. O pico lavoso alçava-se a aproximadamente doze mil e setecentos pés contra o céu oriental como uma gravura japonesa do sagrado Fujiyama, enquanto elevavam-se à sua retaguarda as alturas brancas, fantasmagóricas do Monte Terror, com seus dez mil e novecentos pés de altitude, agora um vulcão extinto.

Baforadas de fumaça eram sopradas intermitentemente pelo Erebus, e um de nossos assistentes — um brilhante rapaz chamado Danforth — apontou o que parecia ser lava na encosta nevada, observando que esta montanha, descoberta em 1840, certamente havia inspirado Poe quando escrevera, sete anos depois:

— qual torrente de larva que no solo
Salta, vinda dos cumes do Yaanek
Nas mais longínquas regiões do pólo —
Que ululando se atira do Yaanek
Nos panoramas árticos do polo.*

Danforth era um grande leitor de material bizarro e consumira uma boa dose de Poe. Eu próprio me interessei em virtude da cena antártica da única narrativa extensa de Poe — a perturbadora e enigmática *Arthur Gordon Pym*. Na praia desolada e na imponente barreira de gelo ao fundo, miríades de grotescos pinguins grasnavam batendo as nadadeiras, enquanto muitas focas gordas eram

* — the lavas that restlessly roll / Their sulphurous currents down Yaanek / In the ultimate climes of the pole — / That groan as they roll down Mount Yaanek / In the realms of the boreal pole. "Ulalume", Edgar A. Poe, tradução de Oscar Mendes, Ed. Globo.

visíveis à superfície da água, nadando ou estendidas sobre grandes placas de gelo fluindo lentamente.

Usando pequenos barcos, fizemos um árduo desembarque na Ilha Ross pouco depois da meia-noite na madrugada do dia 9, carregando uma linha de telégrafo para cada um dos navios e preparando-nos para descarregar suprimentos através de um arranjo de boias salva-vidas. Sensações pungentes e complexas nos acometeram ao pisarmos, pela primeira vez, no solo antártico, ainda que, neste local em particular, as expedições de Scott e Shackleton nos houvessem precedido. Nosso acampamento sobre a praia gelada ao pé da encosta do vulcão era provisório e o centro das operações fora mantido à bordo do *Arkham*. Desembarcamos todo nosso equipamento de perfuração, cães, trenós, barracas, provisões, tanques de gasolina, o dispositivo experimental para derretimento de gelo, câmaras fotográficas comuns e aéreas, peças de avião e demais acessórios, inclusive três aparelhos portáteis de telegrafia sem fio — além daqueles nos aviões — capazes de se comunicar com o grande aparelho do *Arkham* de qualquer parte do continente antártico que quiséssemos visitar. O aparelho do navio, comunicando-se com o mundo exterior, serviria para transmitir informes noticiosos à poderosa estação de recepção telegráfica do *Arkham Advertiser*, em Kingsport Head, Massachusetts. Pretendíamos concluir nosso trabalho no curso de um único verão antártico; mas se isto se mostrasse inviável, passaríamos o inverno no *Arkham*, enviando o *Miskatonic* para o norte antes do congelamento da água, a fim de trazeremos suprimentos para o verão seguinte.

Não é preciso repetir o que os jornais já publicaram sobre nossos primeiros trabalhos: a escalada do Monte Erebus; as bem-sucedidas perfurações em diversos pontos da Ilha Ross e a singular velocidade com que o aparelho de Pabodie as realizava mesmo através de sólidas camadas rochosas; o teste provisório do pequeno equipamento de derretimento de gelo; a perigosa escalada da grande barreira

com trenós e suprimentos; e a montagem final de cinco enormes aeroplanos no acampamento do alto da barreira. A saúde de nosso grupo de terra — vinte homens e cinquenta e cinco cães de trenó alasquianos — era notável, muito embora, é claro, até ali não houvésemos encontrado nenhum vendaval ou temperaturas realmente letais. Na maior parte do tempo, o termômetro variava entre zero e 20° ou 25° F, e nossa experiência com os invernos da Nova Inglaterra nos havia acostumado a rigores desse porte. O acampamento na barreira era semipermanente, destinando-se a ser um depósito para o armazenamento de gasolina, provisões, dinamite e outros suprimentos.

Apenas quatro de nossos aviões bastavam para carregar o material de exploração, o quinto sendo deixado com um piloto e dois homens dos navios no depósito como meio de alcançarmos o *Arkham*, no caso de nossos aviões de exploração serem perdidos. Mais tarde, quando não estivéssemos usando todos os aviões de exploração para transportar a aparelhagem, empregariamos um ou dois num serviço de ponte-aérea entre este depósito e outra base permanente no grande planalto, entre seiscentas e setecentas milhas ao sul, além da Geleira Beardmore. Apesar dos relatos quase unânimes de tempestades e ventanias pavorosas que se abatiam sobre o planalto, decidimos dispensar bases intermediárias, arriscando-nos no interesse da economia e de uma provável eficiência.

Os relatos telegráficos falaram do empolgante voo de quatro horas sem escala de nosso esquadrão, em 21 de novembro, sobre a fabulosa crosta gelada, com picos enormes alteando-se a oeste e os silêncios insondáveis ecoando o rugido de nossos motores. O vento nos perturbou moderadamente, e nossos compassos de rádio nos ajudaram a atravessar a única neblina opaca que encontramos. Quando a enorme elevação despontou à frente, entre as latitudes 83° e 84°, sabíamos ter atingido a Geleira Beardmore, o maior vale glacial do mundo, e que o mar gelado cedia agora

espaço a uma linha costeira enrugada e montanhosa. Estávamos enfim penetrando realmente no mundo branco, ancestralmente morto, do extremo sul. Neste mesmo momento, avistamos o cume do Monte Nansen a distância, para leste, elevando-se a quase quinze mil pés de altura.

O bem-sucedido estabelecimento da base sul acima da geleira em $86^{\circ} 7'$ de latitude e $174^{\circ} 23'$ de longitude leste e as perfurações e explosões espantosamente rápidas e efetivas realizadas em diversos pontos alcançados por nossas viagens de trenó e voos curtos de avião são assunto bastante conhecido, assim como a árdua e triunfante escalada do Monte Nansen por Pabodie e dois estudantes universitários — Gedney e Carroll — em 13-15 de dezembro. Estávamos aproximadamente oito mil e quinhentos pés acima do nível do mar, e quando perfurações experimentais através da neve e do gelo revelaram a existência de chão sólido a apenas doze pés de profundidade em certos pontos, aproveitamos bastante o pequeno aparelho de derretimento e fizemos furos e dinamitamos muitos locais onde nenhum explorador sequer sonhara em procurar espécimes minerais anteriormente. Os granitos pré-cambrianos e os sugestivos arenitos assim obtidos confirmaram nossa crença de que esse planalto era homogêneo à grande massa do continente a oeste, mas um tanto diferente das partes que se estendiam para leste, abaixo da América do Sul — que pensávamos então formar um continente separado e menor, dividido do maior por uma junção gelada dos Mares Ross e Weddell, apesar de Byrd ter discordado, desde então, dessa hipótese.

Em alguns arenitos, dinamitados e cinzelados depois da perfuração ter revelado sua natureza, encontramos traços e fragmentos fósseis altamente interessantes; especialmente de samambaias, algas, trilobitas, crinoides e moluscos como os linguatulídeos e gastrópodes — todos parecendo guardar um real significado em conexão com a história primordial da região. Havia também uma curiosa marca triangular estriada com aproximadamente

um pé no diâmetro maior, que Lake formou com três fragmentos de ardósia extraídos de uma abertura feita em profundidade. Esses fragmentos vieram de um ponto a oeste, perto da Cordilheira Queen Alexandra; e Lake, como biólogo, pareceu achar essa curiosa marca extremamente intrigante e provocativa, muito embora ela não parecesse diferente de alguns efeitos de ondulação razoavelmente comuns nas rochas sedimentares ao meu olhar geológico. Como a ardósia não passa de uma formação metamórfica em que uma camada sedimentar é pressionada e como a própria pressão produz curiosos efeitos distorcidos em qualquer marca que possa existir, não via razão para a exagerada admiração com a depressão estriada.

Em 6 de janeiro, Lake, Pabodie, Daniels, os seis estudantes, quatro mecânicos e eu voamos diretamente sobre o polo sul em dois aviões, sendo forçados a pousar uma vez devido a um súbito vento forte que felizmente não evoluiu para uma típica tempestade. Este foi, como os jornais informaram, um dos vários voos de observação em que tentamos discernir novos contornos topográficos em áreas não atingidas por exploradores precedentes. Nossos primeiros voos foram desapontadores a esse respeito, embora tenham nos oferecido alguns exemplos magníficos das miragens ricamente fantásticas e ilusórias das regiões polares, das quais nossa viagem marítima nos dera breves antevistas. Montanhas distantes pareciam flutuar no céu como cidades encantadas e, frequentemente, todo o mundo branco se dissolvia numa terra dourada, prateada e escarlate de sonhos dunsanianos e aventureira expectativa sob a magia do baixo sol da meia-noite. Em dias nublados, tínhamos uma dificuldade considerável de voar devido à tendência da terra nevada e o céu se confundirem num místico vazio opalino sem horizonte visível para marcar a junção dos dois.

Finalmente decidimos prosseguir com nosso plano original de voar até quinhentas milhas para leste com todos os quatro